

O tio Luís

Pediatra há 30 anos, Luís Pinheiro escreveu manual para pais aflitos enquanto aguardava tratamentos no IPO. É adepto de mãos lavadas e amor q.b.

Texto de **Maria Francisca Seabra** Fotografia de **António Pedro Santos**

TOMÁS tinha nascido com um quilo. Era um bebé prematuro, que precisava de cuidados especiais e estava, por isso, internado numa incubadora. Além dos tubos que permitiam que vivesse, tinha a seu lado um *walkman*. Ouvia música clássica.

Luís Pinheiro, pediatra e neonatologista, desconhecia a teoria de que a música ajudava os prematuros a medrar. Mas quando se deparou com a situação no Hospital de São Francisco Xavier, em Lisboa, resolveu intervir. Substituiu a música clássica por *blues* e, num dia, Tomás deixou de ser ventilado artificialmente.

Hoje, quase 15 anos depois, Luís Pinheiro assegura que a música não se trata de uma moda, mas de uma forma provada para acalmar ou estimular prematuros: «Mozart e os agudos dos violinos estimulam-nos, para evitar que fa-



cam apneia, por exemplo, enquanto os graves os acalmam».

Daí que só a falta de tempo leve o neonatologista e pediatra a não se envolver mais num projecto musical para bebés. O pouco que tinha gastou a preparar um guia com os conselhos que dá aos pais nas suas consultas. Escreveu **Manual para Pais de Primeira Viagem (e Seguintes)** «nas cadeirinhas do IPO», enquanto aguardava pelos tratamentos contra um cancro que o assustou em 2006. Luís Pinheiro aproveitou as horas de espera no hospital para apontar num «livrinho» dúvidas recorrentes sobre bebés.

«Quando se trata de crianças, 'cada boca sua sentença', como diz o ditado, e quis contrariar essa tendência. Quis explicar por escrito, de forma simples, que febre não significa meningite». E também evitar que muitos pais corram para as urgências ao mínimo alerta.

se portam mal faço logo a minha carantonha n.º 7 e o vozeirão n.º 9. É preciso saber os truques todos para levar as crianças».

Com os pais tem a mesma atitude. Adormecer ao colo está proibido, tal como dar leite ou de mamar de cada vez que o bebé chora. E os antibióticos só são uma solução «em casos muito específicos».

Mesmo quando lhes rouba as chuchas, as crianças continuam a gostar do 'tio' Luís. Pode ser o pediatra que as despe na marqueta e as obriga a deitar a chucha num balde, quando atingem os três anos e meio, mas é considerado por todas quase uma pessoa da família. A receita está na atitude que leva para o consultório: «Calma e paciência».

Lá também há tempo para brincadeiras: o estetoscópio serve de telefone para entrar em contacto com personagens como o Noddy e o Ruca e está



Manual para Pais de Primeira Viagem (e Seguintes...), um guia para progenitores aflitos. Em baixo, o neto Tomás

sempre disfarçado com uma capa em forma de boneco. A última é a de um pato.

Na sala de espera, nota-se o gosto que tem pela fotografia e a simpatia que sente pelos seus pacientes. Cada um já teve direito a ser fotografado a preto e branco e a um lugar de destaque na parede. Uns estão a rir; outros a chorar; literalmente, baba e ranho.

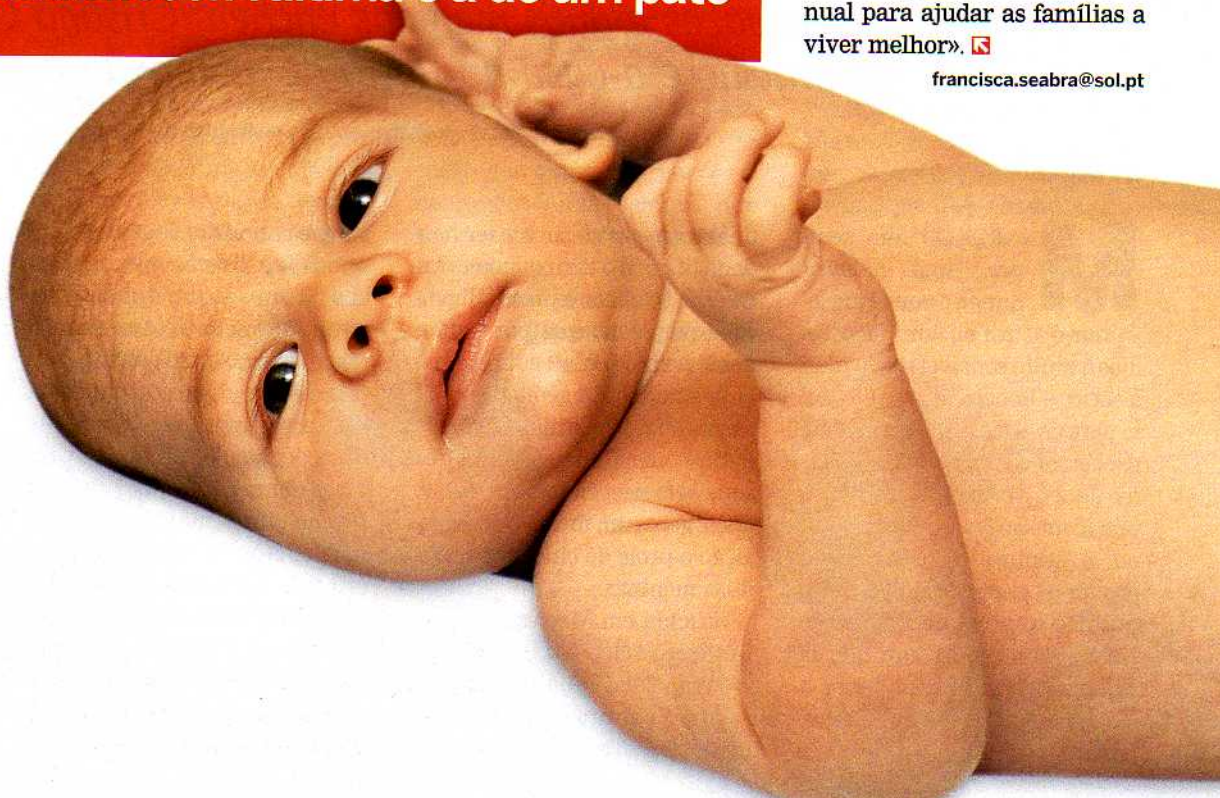
Na sua sala, as fotografias são as dos dois filhos e a do neto, com quase dois anos. Tomás nasceu um mês antes de o pediatra ser operado ao tumor e, hoje, neto e avô não passam um sem o outro: «Temos uma relação quase patológica. Fui eu que o peguei ao colo pela primeira vez, que lhe mudei a primeira fralda e que lhe dei a primeira papa».

Como avô e em 30 anos de prática, Luís Pinheiro aprendeu que um berço que dá «amor q.b.» faz uma criança feliz. E que pais presentes, «que saibam dosear as suas emoções de forma positiva», são os melhores pais que se podem ter.

Para ele deixa a simples função de 'pediatra-conselheiro': «Não quero ser mais do que o tio Luís que escreveu um manual para ajudar as famílias a viver melhor».

francisca.seabra@sol.pt

No consultório também há brincadeiras. O estetoscópio está sempre disfarçado com uma capa em forma de boneco. A última é a de um pato



No livro, o pediatra, de 54 anos, aproveitou para mostrar que é possível levar a paternidade «na desportiva». «Mais importante do que esterilizar os biberões e as chuchas é lavar as mãos. A lavagem é o que mais protege», diz. E explica que crianças hiperprotegidas ficam susceptíveis «a que tudo lhes possa acontecer e a apagar qualquer vírus». Por esta razão, diz que no Inverno vestir de mais não é uma obrigação. E que, no Verão, é melhor andar descalço do que de chinelos.

No entanto, quando se trata de impor disciplina, Luís Pinheiro é intransigente. Em cada consulta, recorda as lições do Colégio Militar, onde foi aluno, e mostra-se firme quando necessário: «Se